

**UM MENINO FALA DE AFETOS, FALA DA ESCOLA,
DOS PROFESSORES, DOS MÉDICOS E DOS PSICÓLOGOS.
REFLETIR COM O LIVRO QUANDO TINHA CINCO ANOS EU
ME MATEI, DE HOWARD BUTEN**

**A BOY SPEAKS OF AFFECTS, SPEAKS OF SCHOOL, OF
TEACHERS, OF DOCTORS AND OF PSYCHOLOGISTS.
REFLECTIONS PROMPTED BY THE BOOK
“WHEN I WAS FIVE I KILLED MYSELF” BY HOWARD BUTEN.**

**UN NIÑO HABLA DE AFECTOS, HABLA DE LA ESCUELA,
MAESTROS, MÉDICOS Y PSICÓLOGOS.
REFLEXIONES CON EL LIBRO “CUANDO TENÍA CINCO
AÑOS ME MATÉ”, DE HOWARD BUTEN**

Denice Barbara Catani¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6019-8969>

Patrícia Aparecida do Amparo²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1283-0901>

Renata Marcílio Cândido³

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8032-881X>

Resumo: Sabemos que podemos alcançar via obras literárias uma compreensão fecunda das muitas dimensões da vida e dentre elas a educação. Muito já se disse a propósito e tanto há partidários de uma proteção das obras dos possíveis utilitarismos quanto há os que preferem sustentar que as vias de entendimento proporcionadas pela literatura são privilegiadas e não há mal em fazer delas um uso mais ou menos pedagógico. Partilhando da segunda hipótese busca-se mostrar um caso no qual a obra explicita aspectos importantes para nossas reflexões educacionais. A literatura também é um dispositivo de conhecer. Por meio da construção literária, passamos a compreender a percepção das emoções, cheiros, texturas e associações nas lógicas próprias do mundo infantil e até mesmo interrogar os discursos autorizados. Importantes questões nos

1 Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). S.P, Brasil

2 Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). S.P, Brasil

3 Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). S.P, Brasil

Um menino fala de afetos, fala da escola...

lembram que no espaço dos pontos de vista sobre o que os adultos fazem em nome de educar, muitas vezes falta levar em conta que entre as lógicas de apreensão da realidade é preciso atentar para as lógicas das crianças. Tentaremos aqui evidenciar um percurso ficcional cuja plausibilidade é simbólica e pedagogicamente aterradora. A análise incide sobre a obra *Quando tinha cinco anos eu me matei* e identifica pontos fulcrais das relações adultos-crianças, da vida e da cultura escolar e alguns riscos engendrados pelos diagnósticos que recaem sobre crianças e, por vezes, delineiam seus destinos.

Palavras-chave: Literatura, mundo infantil, educação, fonte literária, educação e ficção.

Abstract: We know we can, by means of literary works, reach a fertile comprehension of life's many dimensions – and among them education. A lot have been said about this and there are partisans both who seek to protect literary pieces from possible utilitarianisms and those inclined to sustain that the paths to understanding propitiated by literature are privileged and that there is no harm in making use of them for more or less pedagogical purposes. Sharing the latter hypothesis, we seek to show one case in which a literary piece renders explicit aspects that are important for our educational reflections. Literature is also a device to achieve knowledge. By means of literary construction, we come to understand the perception of emotions, smells, textures and associations in the logics specific to the child's world and even to interrogate authorised discourses. Important questions remind us that within the space where points of view regarding what adults do in the name of education are elaborated, one often fails to take into account that among the reality- apprehending logics one needs to pay particular attention to the logics of children. Here we will try to render evident a fictional trajectory whose plausibility is both symbolic and pedagogically terrifying. The analysis considers the text *When I Was Five I Killed Myself*, identifying fulcral points in the adults-children relationship, in life and in school culture and also a few of the risks engendered by the diagnoses imposed on children and that, sometimes, delineate their destinies.

Keywords: Literature, children's world, education, literary source, education and fiction.

Resumen: Sabemos que a través de las obras literarias podemos alcanzar una comprensión fructífera de las múltiples dimensiones de la vida, incluida la educación. Ya se ha hablado mucho de esto, y hay tantos partidarios de una protección de la literatura frente a posibles utilitarismos, como los que prefieren sostener que las formas de comprensión que brinda la literatura son privilegiadas y no hay nada de malo en tomarlas para uso más o menos pedagógico. Compartiendo la segunda opinión, buscamos mostrar un caso en que el texto muestra aspectos importantes para nuestras reflexiones educativas. La literatura es también un dispositivo de conocimiento. A través de la construcción literaria, llegamos a comprender la percepción de emociones, olores, texturas y asociaciones en las lógicas del mundo infantil e incluso interrogamos discursos autoritativos. Temas importantes nos recuerdan que en el espacio de puntos de vista sobre lo que hacen los adultos en nombre de educar, muchas veces es necesario tener en cuenta que, entre las lógicas para aprehender la realidad, hay que tener en cuenta las lógicas de los niños. . Aquí intentaremos demostrar un percurso ficcional cuya plausibilidad es simbólica y pedagógicamente aterradora. El análisis se centra en el libro *Cuando tenía cinco años me suicidé* e identifica puntos clave en las relaciones adulto-niño, en la vida y la cultura escolar, como también algunos riesgos engendrados por los diagnósticos que recaen sobre los niños que, en ocasiones, delinean sus destinos.

Palabras clave: literatura, mundo infantil, educación, fuente literaria, educación y ficción.

Imaginemos que no primeiro ano de um curso de formação de professores, em alguma disciplina dita pedagógica, ao pensarmos em leituras estruturantes ou férteis para a reflexão acerca de educação, privilegiássemos o livro *Quando tinha cinco anos eu me*

matei de Howard Buten⁴ antes ou em simultâneo a leituras que se consagraram como acadêmicas, baseadas em pesquisas e que são testemunhos da realidade compreendida de modo científico. Potencializaríamos a atenção para com o universo dos possíveis e o caráter tênue das fronteiras entre arte e ciência, ou literatura e ciência, para o poder do relato, para a multiplicidade das lógicas no mundo, a força da linguagem, a justiça e a infância, os adultos e seus medos. Ao mesmo tempo poderíamos instigar questões sobre nossa confiança irrestrita e limitadora nos saberes consagrados. Partilhando desta hipótese, busca-se aqui mostrar um caso no qual a obra literária pode explicitar aspectos importantes para nossas reflexões acerca da educação. A literatura também é um instrumento de conhecer. Por meio da construção literária, passamos a compreender as emoções, cheiros, texturas e associações lógicas próprias ao mundo infantil e até mesmo interrogar os discursos autorizados. Importantes questões podem ser postas e nos lembrar que no espaço dos pontos de vista sobre o que os adultos fazem em nome de educar as crianças, muitas vezes faz falta levar em conta que entre as lógicas de apreensão da realidade é preciso atentar para as lógicas das crianças. Mas não é só. Tentaremos aqui evidenciar um percurso ficcional, mas nem por isso menos possível. Aliás, sua plausibilidade é pedagogicamente aterradora. A análise incide sobre a obra e identifica pontos fulcrais acerca das relações adultos-crianças, da vida e da cultura escolar bem como dos riscos engendrados pelos diagnósticos que recaem sobre crianças e, por vezes, delineiam seus destinos.

As linhas aqui escritas tensionam concepções comuns e de certa forma ainda arraigadas no discurso pedagógico de que a Pedagogia como disciplina deve ordenar as regras, afastar a dispersão e colocar-se a serviço da interpretação única, excluindo o que é desconcertante ou inesperado. Indicando o “melhor” caminho a ser seguido ou ainda aquele que “inevitavelmente” resultaria no sucesso do ensino e da aprendizagem (aqui há o uso proposital do singular), nem que para isso seja necessária uma série de ocultações de sentidos para que se chegue a uma interpretação correta. Tal temática é reiterada nas publicações usuais, quando na verdade, a proficuidade dos aprendizados encontra-se na multiplicidade de sentidos e de caminhos que podem ser tomados tornando-se a literatura campo fértil para isto. (CATANI, 1990/1991)

De forma complementar, as histórias de vida retratadas nas obras literárias, sejam elas autobiográficas ou não, analisadas no quadro das produções acadêmicas educacionais nos permitem compreender que não é possível reduzir os estudos sobre a escolarização apenas às dimensões racionais da escola e dos indivíduos que participam dos seus processos de ensinar e de aprender. Como alternativa para as pesquisas e produção de conhecimento, Nóvoa (2000) reconhece nestes estudos sobre a possibilidade de fazer “reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao

4 Howard Butten é o escritor que publicou o livro de Burt em 1981, nos EUA (onde nasceu em 1950) e na França (onde vive). Escritor, mas também psicólogo especialista em autismo e artista palhaço. Possui diversas obras publicadas.

instituído” (NÓVOA, 2000, p. 18) ou “produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas” (NÓVOA, 2000, p. 19) ou ainda refletir sobre a instituição escolar enquanto lugar de homogeneização dos comportamentos e sobre o espaço aberto para as diferenças nas relações entre os indivíduos. A retomada da obra de Buten nos permite um movimento semelhante que almeja compreender mais profundamente as relações que o protagonista mantém com o saber e a vida escolar, com os professores e profissionais da saúde, constituindo-se inspiração para os docentes em formação ou em exercício na docência.

HISTÓRIAS DE INFÂNCIAS E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO

A história do menino Burt nos remete a outras, de outras crianças, que assim como ele foram marcadas pelo discurso médico-científico que identifica, esquadrinha, categoriza e chancela destinos escolares e sociais. É a história de outras quatro crianças brasileiras, estudantes de uma escola pública da periferia da cidade de São Paulo na década de 1980 e que sofreram, talvez de forma menos brutal do que o nosso pequeno Burt, o protagonista em tela, as consequências e desdobramentos dos diagnósticos médicos e seus estigmas. A plausibilidade que espanta na história contada por Butten marca-se por um evidente paralelismo com o relato da pesquisa. Ângela, Humberto, Nailton e Augusto, pequenas pessoas da obra não literária de Maria Helena Souza Patto (2015)⁵, nos indicam bem a medida e o peso das avaliações psicológicas, das medicações controladas e dos relatórios produzidos pela área médica para orientação do trabalho educacional. As quatro histórias analisadas são (re) constituídas por meio de entrevistas, observações e documentação (pedagógica e médica) e permeadas pelo contraste presente nos relatórios médicos oficiais que tratam das ausências e falhas das crianças e das observações e entrevistas, que nos indicam grande capacidade intelectual e inventividade das crianças em cada narrativa.

As crianças não se dão bem na escola, possuem reprovações consecutivas, causando desconforto e algum desespero na equipe escolar: o que acontece com essas crianças? Por que não aprendem? Por que se comportam desse modo? Há algo errado e só pode ser com elas, dizem os especialistas. Os relatos das histórias das crianças possuem passagens duras, difíceis de ler, relatos de denúncias dos maus tratos físicos e psicológicos sofridos pelas crianças consideradas “problemas” – que não aprendiam ou não se comportavam de acordo com as normas da instituição. As inquietações da pesquisadora fizeram-na retomar a expressão “dificuldades de aprendizagem”, bastante comum em discursos autorizados do sistema educacional paulista e no que diziam os diretores e professores, assim como em laudos emitidos por especialistas da saúde (médicos, psicólogos e psico-

5 O livro “A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia” é fruto da tese de livre-docência de Maria Helena Patto, considerada por especialistas do campo uma das “mais valiosas referências da psicologia escolar e da psicologia brasileira” (KOHATSU, 2015). Suas análises não se restringem ao campo da psicologia, mas constitui-se importante referência para o campo da formação inicial e continuada de professores e de especialistas.

pedagogos) trocando-a por outra: “dificuldades de escolarização” indicando, desse modo e pela primeira vez na literatura da área a possibilidade de que os problemas escolares sentidos por crianças moradoras de bairros pobres e favelas poderiam ter como fonte a escola e suas práticas. Neste caso, a escola não mais sairia incólume e o discurso construído sobre o seu poder de justiça, igualdade e equanimidade é refutado, desconstruindo a promessa poderosa da escola como promotora do avanço social⁶.

A discrepância entre as lógicas institucionais e o que pensam e como pensam as crianças marca as narrativas de Burt, Ângela, Nailton, Humberto e Augusto. Burt se utiliza da presença imaginária de Jéssica para se relacionar com o terapeuta no Centro, como consta em um dos seus relatórios médicos, “Por meio dessa engenhosa transferência de personalidade, ele fala com ela e sou eu quem o ouço”, afirma o profissional. (BUTTEN, 2004, p.23, tradução livre) Sintomas considerados “patogênicos, senão patológicos estão ambos envolvidos na condição do jovem paciente”. (idem, p.23) Tal comportamento de fuga ou de uso da imaginação guarda semelhanças ao de Ângela que prefere brincar de faz-de-contas e perder-se nas imagens da janela ao invés de participar das aulas, consideradas por ela de difícil compreensão e sem significado, ou ainda se relacionar com a professora, que parece agressiva, afinal de contas ela “grita o ditado!” (PATTO, 2015, p. 315). Para o terapeuta Burt se utiliza desta estratégia para tentar assimilar o que fez à menina Jéssica, já Ângela apresenta tal conduta porque não consegue aprender e não consegue significar o trabalho escolar. Tais estratégias, aparentemente comuns à fase de desenvolvimento infantil, são vistas com desconfiança pelos especialistas, que tratam logo de explicá-las em termos médicos e científicos e “resolvê-las” da mesma maneira.

À dificuldade em se relacionar por meio das trocas verbais soma-se outra descrita em um outro relatório que Burt lê e copia nas paredes do seu quarto, mesmo sem entender as palavras que para ele “são muito grandes” (BUTTEN, 2004, p. 65, tradução livre). Seu comportamento agressivo e “surto de raiva incontrolável” (idem, p.23) é considerado “o problema mais sério e urgente do paciente” (idem, p.23) e “uma verdadeira anomalia comportamental, socialmente inadequada e beirando a psicopatia” (idem, p.23), de acordo com as palavras do especialista. Por que Burt está tão bravo? Infer-se que pelo fato de não compreender o que realmente está acontecendo ou o que de tão grave fez à Jéssica. Considerado pelo médico uma ameaça para quem o rodeia, deveria ser “alvo de vigilância constante” e mantido confinado em uma instituição. As crianças de Patto (2015) também não compreendem os motivos pelos quais não aprendem e são reprovados reiteradamente, mas parece-nos que nos casos das crianças há um certo conformismo ou a introjeção de um discurso formulado alhures, que faz com que elas “aceitem” de forma mais passiva que

⁶ Para uma análise dos diferentes projetos forjados para as instituições escolares no mundo Ocidental, ver Rui Cánario (2006), *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*.

a escola talvez não seja para elas, sendo as dificuldades de aprendizado escolar única e exclusivamente responsabilidades delas e de suas famílias.

A narrativa de Burt e as histórias de Patto (2015) nos remetem a uma outra discussão também importante no campo educacional, que é a natureza dos saberes pedagógicos ou em outras palavras como se forjam os discursos científicos sobre as temáticas educacionais. Sabe-se que em diversos momentos históricos as áreas do saber influenciaram as práticas e as ideias acerca da educação, com destaque para a Psicologia desde finais do século XIX para explicar as diferenças de aprendizados das crianças organizadas escolarmente (por idade e níveis de conhecimento nas escolas seriadas), passando a ocupar grande espaço nas produções destinadas à formação dos futuros professores durante todo o século XX. A Psicologia adentra os cursos de formação de professores das Escolas Normais ocupando, nas grades curriculares, espaço profícuo para a produção e à divulgação de saberes, com ênfase para a pretensa capacidade de explicar cientificamente as causas do aprendizado ineficiente e do mau comportamento dos estudantes. Far-se-ia necessário identificar e analisar os/as estudantes que não aprendiam no ritmo esperado, representando um entrave para o bom andamento das atividades escolares e para a administração do ensino como um todo. Uma das grandes preocupações era se estes/as estudantes tornar-se-iam quando adultos uma ameaça à sociedade, delinquentes ou adultos desajustados (LIMA, 2016), o retorno, 25 anos depois, às histórias de Ângela, Nailton, Humberto e Augusto dirá o contrário, quanto à Burt, não saberemos.

Há aqui uma ideia, de certa forma recorrente no campo educacional, de que a partir de grandes temas ou teses produzidas em outras áreas, é possível “aplicar” ou estabelecer linhas de atuação prática no campo da formação de professores, para cada perspectiva teórica existiria uma correspondente “visão pedagógica” e de prática docente. Neste caso, a apropriação dos resultados de uma investigação teórica realizada em outras áreas é feita em abstração de seus processos, contextos e interesses, caracterizando um determinado discurso pedagógico que ignora, em linhas gerais, a cultura das instituições escolares e os problemas específicos da prática educativa, assim como as peculiaridades históricas e sociais da educação escolar, tal como ocorreu nos casos das crianças aqui descritos. A concepção de educação fundamentada nas teorias psicológicas e subjacente às obras relacionadas, neste caso, parece menosprezar o “mundo escolar” ou o “mundo infantil” no qual se dá o ensino das disciplinas e o desenvolvimento integral dos/as estudantes. Neste caso, o discurso pedagógico formulado com bases em outros campos e transformado em *slogans* não conseguem ultrapassar procedimentos gerais de escasso valor prático para o trabalho do professor, permitindo inclusive a perpetuação de desigualdades forjadas em outros lugares. (CARVALHO, 2011) Os discursos produzidos e disseminados revelam representações sobre certos temas que são apropriados - muitas vezes - como verdades absolutas, como lugares-comuns e usados sem que se tenha clareza sobre o porquê de sua criação, desconsiderando-se que a linguagem também se constitui objeto de disputas (SCHEFFLER, 1974) tal como inferimos das leituras das narrativas de Burt e das crianças

brasileiras. Ângela, uma das crianças retratadas na pesquisa de Patto (2015) tinha um comportamento em sala de aula que não sugeriria “[...] qualquer tipo de deficiência mental”, não diferindo “[...] da maioria de seus colegas, muitos dos quais foram aprovados”, respondia como podia as solicitações que para ela não tinham significado ou que eram incompreensíveis, dispersando-se numa forma de fuga da “situação mortificante”. Aparentemente, Ângela não tinha nada, mas o discurso produzido sobre os comportamentos aceitáveis ou não no contexto escolar contribuíram para o seu “fracasso”. (PATTO, 2015, p. 312)

POR QUE OS DIAGNÓSTICOS ADQUIREM O PODER DE MOLDAREM O DESTINO? E POR QUE TRANSITAM TÃO FACILMENTE NA ÁREA ESCOLAR?

Talvez o que moveu o doutor de Burt fosse apenas a versão ficcional da imensa confiança que rege a adesão às classificações e aos diagnósticos dos médicos e psicólogos que, em muitas situações, “amparam” as dificuldades na vida escolar. Vale notar também o poder formador das narrativas que são ajustadas a cada um de nós desde muito cedo e que consagram, por assim dizer, o que devemos ser. Para grande parte dos efeitos Burt “é um menininho doente”.

A frase que dá título ao livro é a de abertura de seu primeiro capítulo. Está na primeira página e cria o mesmo tipo de inquietação que as duas frases que iniciam o capítulo dois: “Estou no Centro de Bem Estar para Crianças. Estou aqui pelo que fiz à Jéssica.” A idade do menino narrador: oito anos. Do começo ao fim do livro nós nos preocupamos, ficamos apreensivos com ele, com o que fez, o que faz e o que pode ser feito a ele. É no Centro de Bem Estar que ouvimos sua voz mais desamparada. Ironia que o pequeno narrador percebe e conta com esse tipo de situação para envolver o leitor? Não. É evidente que se trata de algo diverso: o escritor é adulto e cria todas as ambiguidades que bem podem fazer parte de sua percepção e não da do menino Burt. Aceitamos isto, porém podemos nos esquecer do fato para melhor viver a história. Não vamos adentrar às peculiaridades técnicas da distinção entre “quem escreve” e “quem é escrito”. Deixemo-nos conduzir pelo prazer de ler e assim sermos levados por Burt mais do que por Butten.

Ao perguntar-nos como poderíamos falar do livro e o que ele desencadeia para o nosso pensamento, hesitamos. Escolhemos como caminho recuperar excertos e ir mostrando Burt, seu comportamento, fantasias e relação com o mundo. Numa primeira leitura muito nos escapou e ficamos identificadas com o menino e ansiosas por saber o que lhe aconteceria e o que lhe aconteceu. Na segunda leitura, sentimos irritação, raiva e desgosto com a incompreensão dos adultos. A pergunta que surgiu foi: qual é o problema, afinal? O que fazer do abismo que se observa entre o mundo infantil e o mundo adulto? Não basta conhecer a psicologia da criança. Qual espécie de sensibilidade é preciso fazer aflorar para compreender as nuances da lógica desses dois mundos e as maneiras pelas quais elas se configuram quando se confrontam? Por que os adultos (médicos, pais e professores, por

exemplo) tem tanta fé em suas certezas? Assim fomos nos deixando guiar por essas perguntas, a nossa inquietação, espanto e as incertezas que tentaremos partilhar.

QUEM É JÉSSICA E O QUE O MENINO FEZ A ELA?

Só saberemos ao final do livro, antes disso saberemos de afetos infantis, fantasias e apreensão da realidade a partir do ponto de vista de uma criança. Do amor incondicional aos pais e da confiança absoluta em suas razões. Do sentimento de injustiça que vem da incompreensão revelada por adultos especializados em crianças: professores, médicos, psicólogos. Acompanharemos Burt em sua permanência no Centro e em sua rememoração da vida em casa e na escola. Em sua luta para mostrar que precisa ir embora do Centro. Suas lembranças de Jéssica, de sua mãe, das amigas, das professoras, da enfermeira velha. Da mãe de Jéssica. O universo feminino aparece aqui mencionado na ordem que inclui desde amor e entendimento até chegar ao espanto e aos desentendimentos. Inclui a admiração e o prazer estético: o vestido de Jéssica no dia em que ele a conheceu (vermelho e “bem macio, dava para saber só de olhar...”, A sua bolsinha de franjas: “Dentro da bolsinha dela tem uma varinha mágica que transforma as coisas em flores” (BUTTEN, 2016, p.23)

Não, não é um livro infantil. Talvez um livro sobre a infância. Um ponto de vista, o de uma criança. A questão a interessar-nos, adultos, educadores ou aspirantes a, seria esta: até que ponto podemos, de fato, compreender o ponto de vista das crianças? Ou não podemos e daí, passamos a agir como se ele quase fosse um ponto de vista destituído de sentido? Pelo menos acerca dos sentidos que nós adultos imprimimos às coisas. Perigosa possibilidade diríamos, uma vez que assim talvez sejamos obrigados a reconhecer que, de algum modo, a educação ainda se ergue, quase sempre, como negação do ponto de vista das crianças. A questão não é menor e mobiliza parte significativa das preocupações dos futuros/as professores/as: como adentrar o universo infantil? Como reconhecê-lo e mobilizá-lo nas práticas docentes cotidianas? Há tempos, pelo menos desde a Grécia Antiga, compreende-se o trabalho do/a pedagogo/a como aquele que conduz as crianças pelos caminhos físicos ou figurativos, como uma tarefa que não é de menor importância. Para além das aulas e textos acadêmicos, o que pode/poderia mobilizar novas ou outras percepções sobre essa fase da vida humana?

TEMPOS, ESPAÇOS, SENTIMENTOS, SOLIDÃO

Tem de tudo neste livro. Tudo o que povoa a infância e tudo com a leveza das crianças e o peso dos adultos. Não há desfecho na história e a grande questão aparece nas primeiras páginas à moda dos crimes dos romances policiais que sempre aparecem no começo. Começamos pelas pessoas que rodeiam as crianças. Os médicos poderiam ser aqui os últimos, mas aparecem no começo e são tão importantes para o destino de

Burt que é preciso lembrá-los logo. Primeiro dia no Centro de Bem Estar para Crianças, o médico: “Burt, eu quero que sejamos amigos. Amigos contam coisas uns para os outros. Porque eu acho que posso descobrir qual é o seu problema e ajudar você a resolver. **Você é um menininho doente**. Quanto antes você me deixar te ajudar, mais rápido vai melhorar e voltar para casa. Você vai me ajudar não vai?” (BUTTEN, 2016, p.12) O tom vai subindo nessa conversa até chegar aos berros e palavrões acompanhados de objetos caídos ou atirados. É Burt reagindo à passividade do doutor. O fim: ele vai para a Sala de Descanso. Os relatórios do médico intercalados na narrativa dão conta justamente de especificar o que a ciência desse profissional entende quando permite que ele diga “você é um menininho doente”. Os relatórios assumem o fato, de saída, e mesclam constatações sobre o comportamento da criança com certezas sobre as culpas que lhe são atribuídas. Na linguagem do profissional lê-se “... a criança (Burt) não deseja enfrentar a realidade de que, na verdade Jéssica foi agredida por ele...” (idem, p.37) Não fala com o médico , mas de acordo com ele tem bom domínio da linguagem. É o que está dito no relatório, mas também se fala em deslocamento da culpa, onipotência, sócio patologia (exemplos são dados, mas qual criança não pensa em voar, saltar de lugares altos, flutuar pelo ar?) Tendências anti sociais graves são diagnosticadas. Temperamento incontrolável, patológico e inapropriado: “deve ser mantido sob vigilância constante, (no mínimo, dentro dos muros desta instituição).” Uma semana depois do primeiro relatório vem outro - que Burt roubou da mesa do médico – há referências ao psicoterapeuta que trabalha com retardo mental. Demonstra simpatia por Burt, no dizer do médico e o fato não é bem visto por ele. Há discordância entre médico e terapeuta sobre a situação do menino. No relatório menciona-se o fato do terapeuta pensar que a criança não deveria estar ali internada, mas diz também o médico que recentemente Burt manifestou sintomas de esquizofrenia com alucinações sobre assassinos motivadas pela culpa associada às ações contra a menina Jéssica.

O fio condutor das tristezas de Burt é dito do começo ao fim do livro, foi o que ele fez a Jéssica. O que ele fez? É hora de dizer que não fez nada, muito provavelmente. Mas fizeram muito a ele porque ele estava com ela em certo momento. Ela foi decerto seu primeiro encantamento feminino além da mãe. Após a descrição do contato feliz de Burt com um psicoterapeuta do Centro, duramente criticado pelo médico, vem trechos de um novo relatório. Reafirma-se “o paciente continua não comunicativo e não cooperativo” e responsabiliza-se o terapeuta pela falta de progresso do menino. Inclui também uma carta deste profissional sobre o caso emitindo opinião oposta a todos os diagnósticos feitos até aquele momento. E ênfase nas discordâncias: “As psicoses que você parece inclinado a encontrar nessa jovem psique não passam de sinais de trânsito que dão orientações claras sobre como chegar a um lugar onde você obviamente nunca esteve: Simesmópolis. (BUTTEN, 2016, p.106) E prossegue: “Ele é um ser humano com roupas de menino. Ele tem órgãos e sentimentos típicos de sua espécie, mas não os mesmos direitos. E não é só ele. Este país vem se acostumando cada vez mais com a ideia de que você só é uma pessoa quando

chega à idade de votar e de beber. Isso está errado. (...) Ele não é louco, ele não é nem mesmo esquisito. Deixe-o ir para casa. Nós já identificamos o verdadeiro inimigo, e somos nós.” (Idem, p.106/107). Após a carta anexada, o relatório sustenta ser preciso afastar o psicoterapeuta. E assim, parece que quando a Psicologia pode fazer algo pela educação é que ela deve ser afastada. Reedita-se a indisposição de uma certa medicina contra uma compreensão que passe ao largo das classificações consagradas.

Pelo mesmo relatório fica-se também sabendo que a tão esperada carta da menina Jéssica chegou, mas não será entregue a Burt “por conter material sensível demais para que ele seja exposto a isso agora”. Palavras do médico para tranquilizar a mãe de Jéssica, devidamente informada por ele da chegada da carta. Burt leu o relatório, copiou na parede da Sala de Descanso e disse: “Eu sei copiar, cara. Mas não entendi nada. São palavras de gente grande.” (idem, p.108) Haverá o momento em que a carta vai chegar a ele, pelas mãos do psicoterapeuta que quase será despedido. Há momentos pungentes que exprimem a capacidade deste profissional escutar e respeitar Burt. E várias situações para o médico reafirmar enfaticamente o seu diagnóstico.

AS PROFESSORAS DIANTE DA LINGUAGEM DAS CRIANÇAS

O primeiro relato que inclui a escola é o do dia em que Burt conheceu Jéssica, ela estava no treino que simulou um ataque aéreo. O perigo, os russos. Ele está no segundo ano e vê a menina que se recusa a fazer a simulação, tenta fugir e a professora explica que é um exercício. A menina, vista por Burt, “com seu vestido vermelho que era bem macio, dava para saber só de olhar...”(BUTTEN, 2016, p.19). Ela diz ter ficado com medo porque achou que era perigoso, achou que era um ataque aéreo de verdade. E finaliza: “Não acho justo assustar as crianças.” (idem, p.20) Na referência a professoras vem a de Educação Física que toma conta deles no almoço e segundo Burt “ parece achar que é homem. Ela usa uma jaqueta esportiva e não tem lábios.” (idem, p.41) Na sequência um incidente entre uma professora e o amigo de Burt que tem como resultado ela cair em cima deste que lembra “Ela é muito pesada para uma professora.”(Idem, p.43) Ela fica brava e ao final leva dois alunos para a sala dela. Grita e um tempo depois faz-se silêncio, Burt pensa que ela matou seu amigo. Outros incidentes se seguem e vem o ensaio de uma peça e ele se encanta com as ondas do vestido de Jéssica quando ela anda e com seus olhos: “verdes com algumas partes castanhas dentro”. Bem mais adiante no livro aparece outra, no terceiro ano, a sua nova professora principal que se chama Iris e é “... simpática, jovem e usa muita maquiagem. Ela tem o cabelo loiro. Ela pinta as unhas e tem roupas legais como as que se usam na televisão. Ela usa um perfume maravilhoso. Ela também é boazinha, cara, e nunca grita.”(idem, p.66) A outra, do semestre seguinte é malvada e fala aos berros. “... é malvada com as crianças do orfanato porque elas são pobres.” (Idem, p.65) Na visita ao Zoológico, a professora Iris vai sentada com ele no trem e ele diz “ ... ela escorregava em cima de mim,

e eu me sentia estranho”, (Idem, p.67) Narra desentendimentos com outros meninos e as professoras sempre tentando impor ordem.

No campeonato de soletração estavam as professoras das duas classes do terceiro ano. Iris e a outra assim referida por Burt: “... A Srta. Krepnik tinha tomado as pílulas da maldade dela, dava para perceber...” (Idem, p.82). Estão na sala de Iris onde há um quadro de anúncios feito para a reunião de pais e mestres (“Reunião de pais e mestres é quando você vai para a escola à noite com os pais e fica na fila para as professoras contarem mentiras para eles sobre você”) (Idem, p.82). Em algumas páginas descreve-se a irreverência de Jéssica diante das professoras no campeonato no qual Burt foi o melhor. Depois ela diz que deixou ele ganhar.

A boa professora Iris no dia da festa de Halloween combina com os alunos que todos devem vir fantasiados “... menos as crianças do orfanato, porque elas são pobres e não podem comprar.” Quando um dos alunos disse que elas podiam “vir de crianças pobres” ela deu uma risada. “Você quer dizer maltrapilhos? ela perguntou. Mas eu não entendi. Acho que é quando você faz uma pilha de trapos e se cobre com eles.” (Idem, p.110) em diversos momentos referências a meninas da classe e algumas vezes ao perfume de algumas delas ou ao vestido curto com meia e a uma coisa estranha que sente na barriga quando vê. Sobre uma outra menina da classe: “Ela é a pessoa mais feia da América. Quando ela nasceu os pais falaram ‘Que tesouro!’ e enterraram a menina. Ela bebe água primeiro com o nariz, o nariz sempre chega antes dela. (Isso são piadas)” (Idem, p.146). Outros acontecimentos lembrados, os relatos de Jéssica no “tom certo” nem muito alto nem baixo e o modo como Burt lembra que olhava para ela, fixamente. “E debaixo da minha barriga eu senti alguém me beliscar como um avião com um motor movido a elásticos , cada vez apertando mais. Apertando.”(Idem, p.149)

Os retratos dos professores fornecidos por Burt conduzem a uma outra dimensão do cotidiano escolar, as práticas docentes em sala de aula. Por que um/a professor/a faz o que faz? Quais suas referências? Quais referências relacionadas ao trabalho docente são mobilizadas nas diferentes fases da carreira? Relevante perceber as representações que compõem o imaginário do protagonista que povoam e podem influenciar as práticas dos/as professores/as, quando recém-formados ou em processo de formação, voltam para o cotidiano da escola e de forma mais ou menos consciente mobilizam tais imagens para inspirar suas práticas e relações pedagógicas⁷.

Ao insistirmos na hipótese da linguagem literária como possibilidade de conhecimento, precisaremos considerar que as afirmações produzidas por Burt e seus amigos

7 É possível vislumbrar um movimento semelhante na obra de Daniel Pennac intitulada “Diário de Escola”. No livro, o autor retoma suas experiências como um mau aluno ou como um aluno que possui dificuldades para aprender e que no decorrer do seu processo de escolarização “é salvo” pela argúcia e sensibilidade de alguns professores e professoras. Ao final da obra, descobre-se que o autor torna-se professor e como tal também busca ajudar os/as estudantes com dificuldades.

subvertem ou ampliam as possibilidades da ficção e mesmo dos relatos autobiográficos costumeiramente aceitas no campo educacional. São numerosos os textos que partem das reminiscências do passado ou que se traduzem em narrativas de formação em espaços profissionais. Uma criança que conta sua história sugere os efeitos ou as impressões deixadas pelos professores - e, também, por médicos e terapeutas - no momento em que as interações estão acontecendo e, assim, enfatizam os processos de apropriação das ações dos especialistas pela lógica infantil. Nesse sentido, as metáforas produzidas pela criança são recursos literários férteis mobilizados pelo autor de modo a evidenciar os esforços explicativos e as estruturas por meio das quais os adultos afetam as crianças. Diferentemente do olhar para o passado característico das memórias ou narrativas autobiográficas de adultos, a linguagem literária oferece, por meio da elaboração ficcional de uma personagem infantil, o momento preciso do encontro entre a linguagem dos adultos e a das crianças bem como o esforço feito por elas para apreenderem as falas, gestos, expressões e sugestões das pessoas crescidas. Trata-se sempre de um problema de linguagem, pois acompanhar os processos formativos escritos, contados ou lidos requer assumir que eles são apresentados como textos (CHIENÉ, 2010; JOSSO, 2006).

Ocorre que a linguagem metafórica e sinestésica presente na fala de Burt permite um vislumbre do esquecido na relação com os adultos, fazendo com que se conheça alguém que toma pílulas de maldade, que é bonzinho, que olha com desprezo para as crianças do orfanato e que pode mentir, como é a percepção do que acontece na reunião de pais e mestres. A afirmação de que os professores mentem também está presente na experiência de Tochtli, personagem criada por Juan Pablo Villalobos⁸ em *Festa no Covil*. O professor é visto pela criança como uma pessoa culta, porém o que ele sabe se limita aos livros, pois os cultos “... não sabem nada da vida” (VILLALOBOS, 2010, p. 5). Talvez não saibam, de fato, sobre a vida infantil e as refrações de experiências cotidianas como a visita ao zoológico, o impacto da visão de um colega de classe e as formas de apreensão e de expressão dessas circunstâncias pelas crianças. A posição de Burt representa esse paradoxo dos limites da comunicabilidade entre as crianças e adultos. A compreensão dessas distâncias resultantes das lógicas do pensamento adulto e infantil é objeto de interesse de todas as pessoas, mas talvez traga consequências mais diretas para a atividade dos professores, médicos, psicólogos e outras profissões cujos trabalhos se direcionam às crianças, ou deveriam trazer.

JÉSSICA E COLEGAS

Ela será a principal colega, o primeiro encantamento. Percorre a narrativa e faz parte da razão dele ir parar no Centro. Outros amigos da escola, diversões, contravenções, a ca-

8 Juan Pablo Villalobos nasceu em Guadalajara, México. Viveu no Brasil e, além de escritor, traduziu obras de autores brasileiros, como a de Raduan Nassar. Publicou a trilogia mexicana composta pelos livros *Se vivêssemos em um lugar normal*, *Te vendo um Cachorro* e *Festa no Covil*.

neta que tem uma menininha que quando virada de cabeça para baixo deixa cair o vestido. “Essa caneta me faz sentir uma coisa estranha na barriga, na parte de baixo”. (BUTTEN, 2016, p.149) Da professora malvada: ela grita com o colega que põe o dedo no nariz, no dizer de Burt o menino é do orfanato e ela “é malvada com as crianças do orfanato porque elas são pobres, mas eu acho que ela é que é um hábito asqueroso.”(Idem, p.65) A ida ao Zoológico e uma série de brincadeiras com os animais, a curiosidade e as fantasias sobre eles e Jéssica. Conversas e ela dizendo das roupas que vê nas revistas: “São muito chiques.” Mas ele diz que nunca olha para as roupas, ao que ela retruca “Você olha sim para as roupas da senhorita Iris (...) Olha sim. Ela sempre senta do seu lado e você fica olhando as roupas dela, e quando ela cruza as pernas , você olha os sapatos. Eu vi no ônibus.”(Idem, p.72)

Com Jéssica tanto quanto com Shrubbs (o melhor amigo) exercita-se a lógica infantil, a imaginação prolifera na direção das histórias povoadas por animais amigos, capazes de cantar, ultrapassar obstáculos e realizar desejos. Na classe o exercício de simpatias e antipatias mediadas pelos acontecimentos comuns do dia a dia. Um pouco de disputas e partilhas. Tudo tem uma lógica.

De alguma forma, é como se o exercício da lógica infantil permitisse a sua própria existência e, conseqüentemente, o prolongamento dos nexos criados pelas crianças por meio das observações de elementos, cores e odores a serem conhecidos. Poderíamos dizer, assim, que os adultos significam uma perturbação dessa elaboração particular da realidade, o que se nota por meio de outra forma de representar a infância. Fazemos nova referência ao livro *Festa no Covil*, de Juan Pablo Villalobos (2010). No livro, o menino Tochtli fala sobre sua vida rodeada por adultos que fazem parte do cartel de seu pai. Suas possibilidades de convivência são restritas: “*Conheço no máximo treze ou catorze pessoas*” (VILLALOBOS, 2010, p. 3). Frequentemente, o garoto observa os homens que trabalham na casa em que moram: “...o Miztli e o Chichilkuali cuidam da proteção do palácio com seus rifles vinte e quatro horas por dia” (idem, p. 7). Ele também conhece “Azcatl, que é mudo e passa o dia inteiro rodeado pelo barulho das máquinas que utiliza” (Idem, p.8). Existe, ainda, Itzcuahtli, responsável por cuidar dos bichos da casa em que vive, porém ele também não conversa com o menino: “poderia me contar muitas coisas sobre os bichos, como faz pra curá-los e coisas assim. Mas não me conta nada: ele também é mudo” (idem, p.8). Com esses adultos, Tochtli, evidentemente, não pode conversar, de modo que seu contato com eles acontece por meio da observação. Já os outros adultos com quem convive, seu pai e seu professor, respectivamente, Yolcaut e Mazatzin, reforçam o isolamento do menino. Rodeado por adultos, sua vida parece corporificar o não lugar ocupado por ele: “*Dizem que eu pareço mais velho. Ou o contrário, que sou muito novo pra essas coisas. Ou o contrário do contrário, às vezes até pensam que sou anão*” (idem, p.3).

O menino não diz ou elabora a sua experiência ao lado de outras crianças. Ao invés disso, ele é dito e classificado pelos adultos, atividade feita com tamanha imprecisão que gera perturbação em sua vida. Se a visita ao zoológico e a brincadeira com os animais

impulsiona a imaginação de Burt, Jéssica e seus amigos, Tochtli não pode aprender com eles, uma vez que lhe parecem tão distantes quanto seu pai. Sua busca parece mais árdua, pois ele precisa desejar algo tão fantástico quanto um hipopótamo anão da Libéria, o que gera uma viagem para outro continente, talvez em busca do que poderia encontrar com outras crianças. Evidentemente, em ambos os casos, a dificuldade de comunicação com os adultos e as incompreensões mútuas afetam as crianças, no entanto, parece-nos que a possibilidade de descoberta com Jéssica, Shrubs, com os outros colegas da escola, gera em Burt um campo de possibilidades interditado a Tochtli.

AS FAMÍLIAS, OS ADULTOS, OUTRAS LÓGICAS

A descrição das ordens e desordens na vida de Burt é feita por ele e ficamos com a sensação de que é sempre instrutivo lembrar mesmo o óbvio no que respeita à compreensão que temos e exercitamos, no cotidiano, com relação às lógicas do mundo das crianças. E é mesmo bom lembrar que de acordo com tais lógicas os lugares, os corpos e as coisas adquirem sentidos múltiplos e distintos dos que os adultos criam. Lembrar também que as crianças aprendem progressivamente a integrar tais sentidos às exigências de outras lógicas. Familiares, sociais, escolares... Complexas biografias individuais constituem-se assim a partir do confronto entre as exigências da pretensa univocidade das lógicas familiar, escolar, médica, psicoterapêutica. A biografia do pequeno Burt exemplifica o fato.

“Estou no Centro de Bem Estar para Crianças. Estou aqui pelo que fiz a Jéssica. O meu nariz está sangrando, mas agora parou de doer, a minha cara está toda preta e roxa. Dó. Estou com vergonha.” (BUTTEN, 2016, p.9) Trata-se do primeiro dia no Centro. Daí para a frente muita expectativa : da carta de Jéssica, (ela disse que escreveria) e dos pais chegarem para buscá-lo. Enquanto isso, a sala do médico, a Sala de Descanso, o quarto compartilhado e as lembranças. Jéssica, as mães - a dele e a dela- o pai, o irmão, a escola, os amigos invisíveis: o Macaquinho dos Abraços, o cavalo Blacky e outros desenhados por ele. Um deles desenhado na parede do quarto em sua casa provoca a raiva da mãe, um tapa e a pergunta: “Com quem você pensa que está falando, com algum dos seus amigos?” A resposta de Burt: “Eu achei que você era minha amiga.” É lógico, certamente. Os dias de adaptação ao Centro. Os sonhos e as recordações para amortecer a dor de estar lá. A mãe, os cuidados, o carinho, as exigências e o corpo dela, as unhas vermelhas nos dedos dos pés, o cheiro de creme. E sobre a criança que no Centro é silenciosa, não fala, só sorri o tempo todo e Burt diz que nunca sabe a razão. “Acho que ele é muito feliz ou o rosto dele ficou congelado nessa posição. A mamãe fala que, quando eu faço cara feia, vou congelar assim. Então eu falo ‘Ainda bem, porque aí eu nem preciso mais fazer cara feia. A minha cara vai ficar brava sozinha.’”(Idem, p.47-48) Do episódio de conhecer o psicoterapeuta por acaso e simpatizar depois de um incidente com outra criança Burt pensa “Ele era médico, mas não se comportava como médico. Ele era como um menininho. Como eu.” (Idem, p.53)

Os contatos amistosos no Centro virão desse homem, de algumas crianças e, em último caso, quando a enfermeira (velha e feia, como ele a define na primeira página) permite que ele durma ao seu lado, no chão e sobre o seu braço.

A LINGUAGEM, AS PALAVRAS DOS ADULTOS E A ESCUTA DAS CRIANÇAS

Ao longo do relato Burt vai recordando as palavras que aprendeu com o pai, com a mãe e as que não compreende. Vai opondo a lógica dos adultos à sua: quando a mãe não aceita as conclusões que para ele parecem tão óbvias: congelar o rosto e não precisar mais fazer cara feia, por exemplo. A mamãe falou que chuvas “são fadinhas dançando no telhado” (BUTTEN, 2016, p. 137) Mas, acompanhemos um pouco mais a experiência e a voz de Burt. O menino que ouve a chuva que cai fazendo shh... e diz: “É Deus mandando a gente não fazer barulho.” Fala na chuva que “caia como torpedinhos nos carros, e as gotas estouravam e viravam vapor em cima deles...” (Idem, p.136) Ou ainda “A mamãe falou que a chuva é quando Deus está consertando a torneira...” (Idem, p.140) E de não compreender: copia o relatório do médico na parede da Sala de Descanso, mas “não entendi nada. São palavras de gente grande. A expressão “para falar a verdade” ele aprendeu com a mãe e “pungente” com o pai (Idem, p.34) A cama do Centro tem lençóis, na casa de Burt ele tem uma cobertinha azul desde quando era bebê. Diz que uma vez fez xixi na cobertinha e “ficou um cheiro pungente”. “Eu aprendi a falar pungente com o papai. Ele fala isso de beterraba”. (Idem, p.36) Diz que aprendeu a falar “não faço ideia” com a mãe. “Ela sempre fala isso quando eu faço as charadas da minha revista semanal preferida”. (Idem, p.46) No primeiro dia no Centro, escreveu na parede “Quando tinha cinco anos eu me matei”. A frase título do livro e lembrada na abertura do relato. Logo depois de ter escrito na parede do Centro aparece outra frase. Ele diz que não a escreveu. Era assim “Ele queria ver o tempo voar”. O psicoterapeuta o fez? Ao receber uma carta dos pais (escrita pela mãe) dizendo que o médico é muito bom, ele lê “Todos nós sabemos que você ficou triste com o que fez e quer consertar tudo o mais depressa possível e para isso sabemos que vai ajudar o doutor a descobrir logo o que há de errado com você e então consertar rapidinho para você voltar para casa.” (Idem, p.63) Diz também que ela e o pai vão ver um médico por recomendação do doutor do Centro para saber se fizeram algo de errado com ele, pois fracassaram como pais. A ideia de que o fracasso precisa ser atribuído a alguém ou a algo. Ao final do relato, ele diz que já não vai muito à Sala de Descanso escrever na parede, o médico diz que “é melhor eu falar com ele nas consultas (...) Eu consigo me controlar melhor.” (Idem, p.179) Ficamos sabendo que ele está no Centro há dois meses. A carta de Jéssica chegou às suas mãos pelo psicoterapeuta. Ela fala do Macaquinho dos Abraços, do medo dos barulhos no escuro do quarto. Da música que ouviram juntos e que o Macaquinho cantou. Diz: “Era suave . E quando eu peguei no sono, sonhei com um arco íris.” (p.185) A carta dele fala de quando ele tinha cinco anos e teve um pesadelo, viu sombras no armário e teve muito

medo do escuro. Foi até a porta do quarto dos pais, olhou, não viu nada e disse baixinho: Tem alguém aí?” (Idem, p.185). Parece que às vezes quando as crianças perguntam “tem alguém aí?” não tem ninguém para escutar e às vezes , é pungente, para falar a verdade! Mas é possível sonhar com os amigos invisíveis, as músicas e o arco íris. Cura mesmo quando não se está doente!

“Toda noite, antes de dormir, eu leio o dicionário” (VILLALOBOS, 2010, p.3). Haveria outra forma de compreender a linguagem dos adultos? Essa mistura também caracteriza a percepção de Tochtli, que procura articular seu mundo particular ao dos adultos. Por meio desse esforço ele é considerado precoce, já que ele sabe palavras difíceis para nomear o que observa ao seu redor. Mas ele nos explica como se tornou tão sabido: “Acontece que eu tenho um truque, que nem os mágicos, que tiram coelhos da cartola, só que eu tiro palavras do dicionário.” (idem, p.6). A busca pelas palavras sintetiza sua busca pela conciliação com o mundo paterno, o que se percebe em outro momento:

[o Yolcault] Diz que somos o melhor bando de machos num raio de pelo menos oito quilômetros. O Yolcaut é dos realistas, e por isso não diz que somos o melhor bando do universo nem o melhor bando num raio de oito mil quilômetros. Os realistas são pessoas que acham que a realidade não é assim, como você pensa que é. Foi o Yolcaut que me falou. A realidade é assim, e pronto. Sem chance. ‘É preciso ser realista’ é a frase favorita dos realistas (idem, p.3).

Para Tochtli é possível ser o melhor bando do universo ou no raio de oito mil quilômetros, mas essa realidade não soa real ao seu pai. Os realistas, de fato, não pensam que a realidade é como é, sobretudo, se ela for repleta de amigos invisíveis, músicas, arco-íris, hipopótamos anões da Libéria... Para os adultos, ela é formada por palavras de dicionário, dos relatórios, enfim, índices de realidade que, na prática, descrevem e criam um mundo apartado das crianças, que passam a ser vistas como habitantes de um espaço *destituído de sentido*. Assim se pode descrever o ponto de vista adulto e seus instrumentos de ver certas coisas e esconder outras, uma vez que parecem não ter sentido segundo sua lógica de compreender os outros, as relações e os nexos entre eles.

O que se questiona, portanto, é aquilo que, para os adultos, permite conhecer as coisas do mundo, ou seja, as crianças interrogam e deixam sem resposta os aparatos de conhecer a realidade que os especialistas tanto estimam, principalmente, os aparatos científicos. Esses pontos de vista distintos se perdem um do outro, pois além de terem lógicas específicas, são descritos por meio de linguagem própria que gera efeitos distintos. Nesse sentido, as incursões ao dicionário ou ao relatório, feitas por Tochtli e Burt, não são suficientes, pois eles precisam decifrar um universo que não criaram e que não aceita seu ponto de vista. A lógica própria aos relatórios, pesquisas, instrumentos, exames, entre outros, caracteriza a criança por meio de uma objetificação que desconsidera seu ponto de vista. O especialista, nesse sentido, pode ser alguém que se especializou tanto que utili-

za sua linguagem para falar sobre as crianças sem, necessariamente, conhecê-las, como pode ser o caso dos professores.

O ponto de vista das crianças chega a questionar quem, de fato, consegue conhecer a realidade. Até que ponto se pode compreender com *as palavras de gente grande*? Como confiar, por exemplo, em um adulto, como o professor de Tochtli, cujas decisões lhe parecem estranhas: “Aqui começa a parte sórdida: a pessoa ganhar milhões de pesos e ficar triste porque não é escritor” (idem, p. 5) e continua nos contando que Mazatzin foi morar em uma cabana para isso: “Ele queria ficar lá pensando e escrever um livro sobre a vida. Levou até um computador. Isso não é sórdido, mas é patético” (idem, p. 5).

A experiência de Burt no Centro - e mesmo a de Tochtli com os adultos – evidencia que os quadros interpretativos especializados limitam as possibilidades de ver. Ao falar sobre o desenvolvimento da linguagem infantil, Lev Vygotsky (2007) nos lembra que as crianças conhecem por meio do esforço do seu próprio pensamento e, assim, os conceitos que elaboram trazem as suas marcas. Podemos inferir que assim Jessica fala, por exemplo, do Macaquinho dos abraços, além de outras imagens expressivas de seu conhecer. Por vezes, a percepção dos professores, médicos, psicólogos parte do entendimento de que a imaginação das crianças é aquilo que deve ser superado pela incorporação de um pensamento cada vez mais adulto. Ignora-se, no entanto, que cada nova palavra é uma descoberta feita pela relação com pais, amigos, professores, entre outros, como dissemos anteriormente.

Nesse sentido, o olhar do professor, do médico ou dos pais poderia ser mais conciliador caso fosse mais sensível e compreensivo, como foi o terapeuta de Burt. Desse modo, entendemos que os deslocamentos da percepção comum propiciados pelo texto literário podem nos fazer recuperar a sensação do pensamento infantil. Walter Benjamin (2015, p.47-48) nos lembra disso ao justificar a retomada da autobiografia de um ilustre desconhecido: “É que nem sempre são as pessoas mais célebres e talentosas, aquelas que guardam o mais profundo amor e a mais profunda lembrança de sua infância”. Contraditoriamente, a mesma linguagem que separa Burt dos adultos pode aproximá-los, considerando que a literatura pode ser mais fértil para explicitar sentimentos, dores, cores e texturas, como Juan Pablo Villalobos demonstra por meio da fala de Tochtli ao tentar descrever suas terríveis dores de barriga inexplicáveis pela medicina: “Teoricamente o nome disso é estar doente do psicossomo, que quer dizer que a doença é da mente. Mas eu não estou doente da mente, nunca tive dor no cérebro. (VILLALOBOS, 2010, p.20)”.

Pensemos ainda uma vez, na fina argúcia com que obras literárias chegam a elaborar o alcance das lógicas humanas e aqui, no caso as das crianças. As obras parecem, pela linguagem, nos mostrar facetas de uma realidade que aprendemos a abandonar em favor de outras racionalidades. Conhecemos bem as racionalidades que impomos na educação?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do artigo, imaginamos que a formação de professores poderia ser beneficiada pela leitura de ficções. Assim, buscamos explorar os entrecruzamentos das obras literárias e dos textos acadêmicos, acreditando que isso nos permite aguçar certa sensibilidade para questões da infância e do imaginário infantil e, também, para o próprio processo formativo de maneira mais geral. Tal argúcia para com os modos de pensar, elaborar a linguagem e, conseqüentemente, atribuir sentidos aos outros e ao mundo é bastante promissora para a formação dos futuros professores e de outros profissionais das áreas especializadas. Adentrar o mundo infantil, compreender sua lógica de funcionamento em contraposição às lógicas de outras áreas do saber, neste caso, a Psicologia e a Medicina, nos permitem atentar para o universo multifacetado do desenvolvimento dos alunos.

Queríamos explorar, desse modo, as tênues fronteiras entre a literatura e a ciência ou a arte e a ciência, considerando que as aproximações entre elas possibilitariam conceber uma forma mais atenta de atuação profissional e, quem sabe, de uma intersecção mais gentil entre as gerações, possibilitando um cuidado para com os mais jovens que os discursos consagrados nem sempre conseguem oferecer. Neste artigo, percebemos a literatura como uma forma de conhecer a multiplicidade das lógicas dos mundos infantis, da linguagem, dos adultos e seus medos, ao mesmo tempo que pudemos instigar questões sobre nossa confiança irrestrita nos saberes considerados legítimos do campo educacional. As análises sobre as obras denotam importantes aspectos das relações adultos-crianças, criança-criança, da vida e da cultura escolar, dos riscos dos diagnósticos pretensamente científicos que incidem sobre crianças, bem como a possibilidade de desconstrução de alguns estigmas e paradigmas que antes de compreender e auxiliar, estigmatizam, categorizam e excluem as crianças das escolas e dos seus meios familiares e sociais.

Este é o poder, acreditamos, da retomada das histórias fictícias de Burt e Tochtlí. A maneira como a leitura literária nos leva a, em certo sentido, assumir por alguns instantes a perspectiva dos outros, das personagens que passamos a conhecer, tornam vívidos os seus medos, anseios, expectativas e dúvidas. Nutridos desse modo de conhecer, podemos acompanhar, também, as histórias reais de Ângela, Nailton, Humberto e Augusto, favorecendo a percepção das circunstâncias de suas experiências sociais com a mesma empatia com que acompanhamos as histórias dos primeiros meninos. Essa aproximação ao texto científico parece complexificar afirmações como a de que a professora “grita o ditado!”. Desse modo, esta aula do curso de formação de professores imaginada por nós possibilitaria a ampliação do universo dos possíveis em que os processos educativos acontecem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. Um menino nas ruas de Berlim. IN: _____. **A hora das crianças**: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.
- BUTEN, Howard. **Quand j'avais cinq ans je me suis tué**. Éditions du Seuil, 2004.
- BUTEN, Howard. **Quando eu tinha cinco anos eu me matei**. Rio de Janeiro: Editora [Rádio Londres, 2016.
- CATANI, Denice Bárbara. Pedagogia e museificação. **Revista USP**, n. 8, p. 23-26, 1991.
- CHIENÉ, Adèle. A narrativa de formação e a formação de formadores. IN: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo, Paulus, 2010.
- VILLALOBOS, Juan Pablo. **Festa no Covil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. Portugal: Relógio D'Água Editores, 2007.
- CARVALHO, José Sérgio F. de. A teoria na prática é outra? Considerações sobre as relações entre teoria e prática em discursos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, p. 307-322, 2011.
- KOHATSU, L. N. Prefácio à quarta edição da obra A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. In: PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4a Ed. São Paulo: Intermeios, 2015.
- LIMA, Ana Laura Godinho. A psicologia ensinada a normalistas: um estudo de manuais de ensino. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, p. 23-31, 2016.
- PATTO, Maria Helena de S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4ª Ed. São Paulo: Intermeios, 2015.
- SCHEFFLER, I. **A linguagem da educação**. São Paulo: Saraiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, 2006.